

TELA CRÍTICA

Análise Crítica

A vida Secreta de Walter Mitty, de Ben Stiller

(EUA, 2013)



Tema: Trabalho, Capital e Globalização em Discussão.

Quando se pensa em reflexão através do cinema, imediatamente vêm a mente a realização de um determinado filme que em pouco tempo se tornará cult. Entretanto, é um fato que um filme não precisa dispor deste estatuto para colocar questões, ainda mais se estas podem conduzir ao processo de fazer pensar um maior número de indivíduos que nem sempre dispõem dos mecanismos de compreensão refinados para entenderem mensagens subliminares abertas a uma multiplicidade de interpretações. Este é o caso de um filme simples, sem grandes diálogos ou cenas marcantes mas que, no entanto, vale pelo conjunto de imagens e situações capazes que apontam no sentido de evidenciar mudanças que encontram-se em curso no processo de produção e reprodução ampliada do capital como, também, desdobramentos por elas produzidas no plano da sociabilidade contemporânea.

A história é linear e tem uma construção simples, ao estilo blockbuster e, para que tudo fique claro desde o início, o próprio título do filme se encarrega de indicar que ela está centrada em um personagem, Walter Mitty, cuja cotidianidade monótona e desinteressante aos seus próprios olhos é quebrada por momentos nos quais se desconecta da realidade na qual vive para desempenhar, no plano do pensamento, o papel de uma espécie de super-herói moderno. Trata-se, para ele, de um caminho fictício para sentir-se alguém de importância, sobretudo aos olhos de uma companheira de trabalho, a quem admira quase que secretamente.

Walter é o típico cidadão urbano moderno das grandes cidades: solitário em um pequeno apartamento confortável e com um cotidiano marcado por uma agenda sem grandes interesses ou heroísmos, daí resultando, também, sua necessidade de fuga.

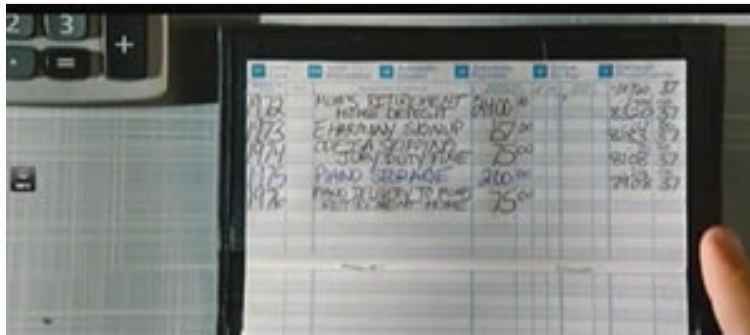
Contudo, embora não perceba, seu mundinho particular, aparentemente imutável, encontra-se ligado a uma totalidade social da qual é impossível recusar a existência, por mais imaginativo e sonhador que ele seja. Uma totalidade que se dá em dois planos que se encontram unidos. De um lado, a sociedade capitalista na qual está inserido e, de outro, o emprego que possui e sem o qual está privado do acesso a mercadorias, mesmo aquelas mais desmaterializadas, a exemplo do site e-harmony, uma rede de relacionamentos virtuais.



Emerge aí, neste filme desprezioso, um dos primeiros elementos centrais da história, isto é, o universo de Mitty e o mundo real. Contrapõe-se a seu jeito tradicional de se vestir um cotidiano doravante alimentado pelas relações online, uma nova forma de comunicação entre os indivíduos e, igualmente mercantilizada. Neste sentido, que se observe o contato de Mitty com o setor de gerenciamento da empresa no qual busca saber por qual motivo, estando cadastrado e tendo de pagar anualmente uma taxa, as suas mensagens não estão sendo endereçadas à pessoa desejada. Relações interpessoais

e, neste sentido, igualmente impessoais, uma vez que a cordialidade de quem o atende é aquela dada pela mercantilização das relações sociais ou, por outras palavras, pelo fato de que Walter Mitty é simplesmente um cliente.

As fugas de Mitty, ainda que ocupem poucas cenas do filme, ao contrário do que sugere a propaganda televisiva do filme, revelam-se como a compensação ao isolamento social do homem urbano, presente no imenso vazio do espaço externo ao seu apartamento, passando pelo percurso a pé até o trabalho, onde solitariamente caminha com outros transeuntes em sua marcha supostamente ao trabalho, prédios nos quais sua figura se torna mínima e a impessoalidade dos metrô. Cotidianeidade social vivida, porém, isoladamente e na qual a compensação é buscada pelo espaço virtual.



As mudanças ocorrem sem que necessariamente Mitty tenha a necessidade de as conhecer com antecedência. As decisões ocorrem em outros espaços, que estão para além da sua atividade cotidiana de emprego. Objetivamente, elas seguem o ritmo da acumulação capitalista. Assim, embora na entrada da empresa na qual trabalha, a publicação Time & Life, estampe-se uma grande obra de Mondrian, não é a arte que comanda este universo, ainda que esta possa ser estampada na entrada de qualquer empresa com o caráter de espaço humanizado e cultivado.



Para além da porta de entrada está a dinâmica real da vida no universo das relações de assalariamento contemporâneo: a reestruturação produtiva, o enxugamento

do número de funcionários e a gestão nas mãos de uma geração jovem e profissionalizada em realizar o saneamento necessário à produção e reprodução ampliada dos interesses do capitalista ou dos acionistas. Deste modo, tão logo escapa de seu ângulo de visão a imensa pintura de Mondrian (reprodução ou original? Afinal, o que é real e irreal neste universo das relações sociais mercantilizadas?). Assim, transposta a pintura de Mondrian, Mitty é recepcionado por um colega de trabalho que se encarrega de informar-lhe da venda da empresa a um outro grupo de investidores.



Trata-se de uma dinâmica desconhecida por Mitty, gerente de controle de negativos, mas também por vários outros que, assalariados como ele, estão distantes da tomada das grandes decisões e, portanto, sujeitos às mesmas surpresas.



Independentemente do fato de pertencerem aos estratos dos “colarinhos brancos”, isto é, trabalhadores de escritório e do setor de serviços, o que cria neles um distanciamento de identidade com outros estratos da classe trabalhadora, sobretudo aqueles denominados “colarinhos azuis”, isto é, trabalhadores do chão de fábrica, em geral no setor industrial, o papel de criação que exercem, no caso, a produção da Revista Time & Life, está subordinado a uma estrutura gerencial na qual as verdadeiras decisões ficam sob controle de um corpo gerencial específico. Daí o desconhecimento geral que possuem a respeito das mudanças em curso na empresa, do momento no qual foram tomadas as decisões e suas implicações precisas, que não ultrapassam o plano do reconhecimento de que cortes de pessoal serão realizados, o que obriga a cada um fazer de tudo para se mostrar necessário.



Na sua forma de ser, marcada pelas relações mistificadas, fetichizadas e coisificadas, o capital estrutura as relações de produção ao mesmo tempo em que produz, nos assalariados, sejam eles trabalhadores de base ou do topo da pirâmide organizacional, ilusões a respeito de si mesmos. O caso de Mitty não é diferente. Embora revele ser gerente do controle de negativos, efetivamente, seu setor é composto por ele e mais um ajudante, em um porão escuro e, certamente, insalubre, pelo próprio tipo de material com o qual lida, isto é, produto fotográfico. Na prática, Mitty é gerente de de si mesmo, expressão do autocontrole sobre o trabalho que o capital é capaz de infundir no assalariado e, ao mesmo tempo, expressão de uma determinada ética profissional fundada no princípio da utilidade da atividade para um público desconhecido porém que se sabe existir. Enfim, na sua especificidade, é uma espécie de artesão profissional que vai ser suprimido pelas imagens digitalizadas.



Ao receber as notícias de que a Time & Life foi vendida Mitty, começa a vivenciar, provavelmente, seus últimos dias na empresa mas, muito mais do que isto, defronta-se com o fato de que a expansão dos meios virtuais de comunicação possuem uma implicação muito maior do que viabilizar o encontro, pelas redes sociais, de possíveis pessoas para o compartilhamento de uma relação duradoura. Dezesesseis anos de dedicação no processo de seleção de imagens para compor as capas da Time & Life se transformarão em passado pois a revista mesma será “desmaterializada”, com a finalidade de atender a um novo público consumidor, pouco afeito ao produto em papel e mais sintonizado com a tela do computador, o celular moderno, o tablet entre outras

inovações que permitem a leitura a qualquer momento sem os transtornos de transportar, molhar, buscar na banca de jornais entre outros meios que tornavam possível à publicação em sua forma tradicional circular.



Ironicamente, atribui-se a ele a importante tarefa de fazer o epitáfio da Life, vida, em português, selecionando um negativo de colaborador free-lancer, ele, também, antigo colaborador informal da Revista, para produzir uma capa que traduza a “quintessência” da publicação, ainda que esta palavra não tenha o mínimo sentido para os que, encarregados de administrar a “transição” do impresso para o online, vêm a Revista apenas como empreendimento. Curiosamente, contrapõe-se, ai, duas perspectivas da relação do trabalhador com seu produto. Para os mais antigos, a Life é, efetivamente, vida, produto criativo e trabalho criador, ainda que sua forma estranhada de trabalho assalariado. Para os gerentes, a publicação é apenas uma mercadoria que precisa ser atualizada aos novos tempos do ciberespaço. Daí que, a estes, pouco importa saber se o negativo 25, enviado pelo freelance Sean O’Connel, é efetivamente a quintessência ou não da Revista. Situação, de resto, normal, uma vez que a tendência do capital é exatamente a de esvaziar o sentido da vida.



Este esvaziamento de qualquer sentido possível do trabalho sob o controle do capital, pouco importando se ele demanda ou não um determinado saber fazer específico e, mesmo artesanal, como é o tratamento do negativo de uma fotografia, se evidencia com clareza em uma das cenas finais do filme. Após realizar a entrega ao

novo corpo de gerentes do negativo 25 que se julgava perdido e cuja redescoberta se dá apenas uma curta viagem de redescobrimto do necessário resgate de uma vida carregada de sentido a vida, Mitty e seu ajudante reúnem as poucas coisas que lhes pertencem, entram pela última vez no elevador da Life e olham atentamente para o marcador de andares, cuja numeração avança em ritmo decrescente, como cronômetro em contagem regressiva, no qual cada andar próximo ao térreo é o sinal de que a porta do desemprego está mais próxima.



É a porta do desemprego, tornada frequente com o avanço do capitalismo global, embora seja elemento constitutivo desta mesma forma de sociabilidade. Desemprego tratado com eufemismo pela nova gerência, que busca transformar a tragédia da instabilidade em estímulo para que, pela última vez, os trabalhadores da Life invistam sua vida no sentido de realizarem um último número inesquecível. Assim, dissimulando o verdadeiro sentido do que se aproxima, não se anuncia o descarte dos não essências e sim, inversamente, os “escolhidos” para não terem mais emprego. Dissimulações que integram o grande leque de artifícios para justificar que nem todos serão empregáveis, não por vontade de alguém e sim porque os tempos assim exigem.



Por fim, *A Vida Secreta de Walter Mitty* é um duplo elogio. De um lado, ao cinema de Michelangelo Antonioni ao seu clássico filme *Blow-up – Depois Daquela Beijo*, no qual a partir de uma fotografia encontra-se a verdade do fato. No caso de Walter Mitty, é a partir da fotografia de um dedo, depois de um casco de navio e, por fim, das curvas de um pé de mesa, que a busca bem sucedida do negativo 25 acaba

sendo realizada. Mas, mais importante ainda, o filme atua como um elogio ao trabalho em sua forma artesanal e cujo sentido vai sendo desintegrado pelo ciberespaço. Resgata, ainda que sob a forma hollywoodiana, a idéia brechtiana de quem são os verdadeiros construtores da sociedade e a necessária categoria trabalho enquanto mediação do ser social. Razão pela qual, enquanto desfecho, a “quintessência” da Life ou, da vida, não poderia ser outra senão o próprio homem em seu trabalho e em seu momento de criação e recriação.

Ariovaldo Santos

Prof. Depto de Ciências Sociais - UEL